



Saúde em O Nacional: uma análise dos conteúdos publicados¹

Sônia Regina Schena Bertol²
Universidade de Passo Fundo

Resumo

A proposta temática do presente estudo, em andamento, pretende deter-se, num primeiro momento, numa revisão de literatura acerca da consolidação do campo da Comunicação da Saúde e, a posteriori, do procedimento analítico denominado “Análise de Conteúdo”, partindo, em seguida, para a utilização de seus paradigmas de forma ampla na averiguação da transmissão de matérias relativas à saúde particularmente na mídia impressa. Nosso esforço investigativo dirigir-se-á, portanto, para a análise de matérias representadas em um corpus extraído do jornal O Nacional, diário de Passo Fundo considerado de referência no município, sob determinado recorte temporal que contempla um conjunto de mensagens.

Palavras-chave: Comunicação da Saúde – O Nacional – análise de conteúdo

Problema da Pesquisa

As matérias que detem-se sobre temas de saúde publicadas no diário O Nacional, incorporam os pressupostos do moderno conceito da Comunicação da Saúde? Noções como promoção e prevenção da saúde são contempladas nos conteúdos analisados, publicados em O Nacional?

Justificativa

¹ Trabalho apresentado ao GT de Jornalismo, do VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Doutoranda em Comunicação da Saúde pela UMESSP com doutorado-sanduíche na Universidade Johns Hopkins. Professora e pesquisadora da Universidade de Passo Fundo.



Torna-se fundamental conhecer os avanços científicos, não apenas nas grandes causas, mas também naquelas que estão diretamente vinculadas ao dia-a-dia do homem moderno, como a saúde. Se hoje o grande público começa a se interessar cada vez mais pela informação científica trazida pelos periódicos e por diversos produtos editoriais que têm se preocupado exclusiva ou complementarmente com a divulgação da ciência e da medicina, então é hora também de qualificar sua cobertura, surgindo neste quadro a importante presença do comunicador, suscitando interesse e curiosidade, promovendo programas de promoção da saúde pública e de prevenção de doenças coletivas na agenda midiática.

Objetivos

Objetivo Geral

Nosso esforço investigativo tem como objetivo geral a verificação de determinadas premissas estabelecidas por pesquisadores da área, em direção às quais dirigiremos nosso empreendimento de pesquisa, na tentativa de constatar se os novos paradigmas que propuseram uma nova visão da comunicação e da saúde estão sendo levados em conta no momento em que se veiculam matérias de saúde na mídia impressa. Considerando estas afirmações, estaremos analisando as matérias de saúde publicadas em O Nacional, jornal diário do município de Passo Fundo/RS.

Tendo como ponto de partida a compreensão de que novos paradigmas emergiram e deram contornos originais à visão tradicional da saúde e da comunicação, nosso objetivo geral, portanto, estará focado em verificar a partir de quais noções se consolidaram os conceitos de Comunicação da Saúde e, a partir deles, apreender os pressupostos teóricos metodológicos da Análise de Conteúdo, aplicando-os sobre um corpus determinado de matérias de saúde publicadas no jornal O Nacional.

Objetivos Específicos

- Revisar a literatura acerca da Comunicação da Saúde;
- revisar a literatura acerca da Análise de Conteúdo;



- aplicar os pressupostos da Análise de Conteúdo sobre unidades selecionadas como amostragem, criando categorias para tanto;
- analisar os resultados obtidos.

COMUNICAÇÃO DA SAÚDE

O pesquisador boliviano Luis Ramiro Beltrán, conselheiro regional do Centro para Programas de Comunicação da Universidade Johns Hopkins, é quem nos apresenta um panorama bastante interessante acerca da formação do campo da Comunicação da Saúde. Neste cenário apresentado por Beltrán (2001), ele remonta à Europa do início do século XIX, entre 1820 e 1840, quando os médicos William Alison, escocês, e Louis René Villermé, francês, estabeleceram relações entre pobreza e enfermidade. Na experiência do médico francês, pôde-se comprovar que as duras condições de vida e trabalho sob as quais viviam operários têxteis causavam sua morte prematura. Nestes estudos estaria centrada, segundo Beltrán, a noção extremamente atual de promoção da saúde, na qual a Comunicação se engaja como um instrumento indispensável. O conceito de saúde empregado então por estes médicos europeus, desencadeou uma nova maneira de encarar a saúde. Com este autor concorda a pesquisadora Virginia Silva Pintos, ao considerar que

La Salud há sufrido un cambio sustancial de paradigma en los últimos años. De una perspectiva que privilegiaba la medicina como único factor de protección sanitaria se há llegado a una visión que trasciende el problema médico para implicar el entorno físico-ambiental y la situación económico-social del individuo. La Salud, como concepto, há ido desarrollando nuevos sentidos; há trascendido la esfera enfermedad/curación (ausência de enfermidade), para abarcar aspectos más globales: alimentación, vivienda, seguridad civil, educación, nível sócio-económico, ecosistema, justicia social, equidad y paz. (2000, p. 123)

Beltrán situa o ano de 1848 como de suma importância dentro desta mesma visão, quando então se promoveu um movimento de reforma no conceito tradicional da medicina praticada na Alemanha, que preconizava sua atuação como ciência social e difundia uma visão da saúde como algo da responsabilidade de todos, não apenas do médico, cabendo ao Estado o papel de assegurá-la. Um dos seguidores destes preceitos foi o médico e ativista russo Rudolf Virchow, que associa a ocorrência de epidemias à problemas sócio-econômicos. De suas reflexões resultaram três premissas:

1) que la salud pública concierne a toda la sociedad y que el Estado está obligado a velar por ella; 2) que las condiciones sociales y económicas tienen un efecto importante en la salud y em la enfermedad y que esas relaciones deben someterse a la investigación científica, y 3) que, em consecuencia, deben adoptar-se medidas tanto sociales como médicas para promover la salud y combatir la enfermedad. (2001, p. 356)

Mas somente um século depois estas idéias tiveram eco, quando o médico francês Henry Sigerist, então fixado nos Estados Unidos, despontou como historiador da medicina, revalorizando-as, reafirmando a noção de promoção da saúde e acrescentando



as noções de prevenção e de cura. De seus ideais difundidos no início da década de 1940, repercutiram influências sobre a OMS – Organização Mundial da Saúde, que passa a adotar o conceito segundo o qual a saúde é um estado de bem estar físico, mental e social e não simplesmente a ausência de dores ou enfermidades.

Luis Ramiro Beltrán (2001) aponta ainda a reafirmação da importância dos conceitos de promoção e de prevenção da saúde quando representantes de 134 países reuniram-se na União Soviética no ano de 1978, em evento promovido pela OMS do qual derivou a Declaração de Alma-Ata, conceitos que também seriam adotados pelo Governo dos Estados Unidos no ano seguinte e que ganhariam grande amplitude no ano de 1986, quando a OMS promove a Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, no Canadá. Desta Conferência resultou um documento denominado Carta de Ottawa, “que definió a la promoción de la salud como el processo que consiste em proporcionar a los pueblos los medios necesarios para mejorar su salud y ejercer um mayor control sobre la misma.” (2001, p. 358).

MÉTODOS E TÉCNICAS

Para dar conta dos objetivos estabelecidos para a presente pesquisa, faremos uso especialmente da análise de documentos, os quais serão resgatados através de duas fontes principais: livros e jornais, caracterizando nossa pesquisa como bibliográfica e documental, segundo as técnicas e os instrumentos de observação; e monográfica, quanto ao método, já que pretende analisar verticalmente, ou seja, em profundidade, a divulgação de matérias relativas à saúde publicadas no jornal O Nacional.

Para procedermos à pesquisa estaremos nos valendo de amostragens, isto é, estaremos colhendo dados de uma parte do todo, parte que se supõe representar o todo e os resultados assim obtidos são generalizados para o todo, segundo a noção expressa em BAUER (2003, p. 196): “Há três problemas com referência à amostragem: sua representatividade, o tamanho da amostragem e a unidade de amostragem e codificação.” Assim, na definição de nossa amostragem de unidades de texto, estaremos utilizando a estratégia denominada “semana artificial”, a qual, segundo BAUER, tem seu uso bastante difundido quando se utiliza publicações regulares.



As datas do calendário são um referencial de amostragem confiável, de onde se pode extrair uma amostra estritamente aleatória. Datas aleatórias, contudo, podem incluir domingos, quando alguns jornais não são publicados, ou os jornais podem fazer publicações em um ciclo, como por exemplo, a página sobre ciência pode ser publicada às quartas-feiras. Em tais casos, então, a fim de evitar distorções na amostragem de notícias sobre ciência, seria necessário garantir uma distribuição equitativa de quartas-feiras na amostra. Uma semana tem sete dias, desse modo, escolhendo cada terceiro, quarto, sexto, oitavo ou nono, etc. dia, por um longo período, é criada uma amostra sem periodicidade. Para cada edição selecionada, todos os artigos relevantes são selecionados. (2003, p. 196/197)

Sendo assim, nossa unidade de amostragem fica sendo definida como o jornal O Nacional; nossa unidade de análise serão as matérias de saúde veiculadas, incluindo os suplementos destinados ao tema e excluindo cadernos especiais que tratem sobre o tema saúde, mas que tenham o caráter de “Informe Comercial”.

Estando com nossa amostragem selecionada e contando com as referências teórico-metodológicas que definem a Comunicação da Saúde, a etapa seguinte constitui-se da construção de um Protocolo (Anexo 1), ou seja, de um referencial de codificação que, à luz dos conceitos apreendidos e a partir da reflexão sobre os postulados teóricos que nos embasam, permita-nos construir questões e obter respostas. Codificadores implicados neste processo relacionam-se, portanto, aos nossos pressupostos teóricos e constituem um sistema de categorias, que nos possibilitam diversas inferências sobre os textos impressos, num estudo que não caracteriza-se como meramente quantitativo, mas qualitativo também. A Análise de Conteúdo é um instrumento construtivista, desde que construo as categorias que me interessam para tentar circunscrever esse objeto que eu quero conhecer. Consideraremos as seguintes etapas para se fazer uma análise de conteúdo (EPSTEIN, 2002, p. 15):

- formular uma hipótese ou questão para a pesquisa;
- definir a população em questão;
- selecionar uma amostra adequada da população;



- selecionar e definir as unidades de análise;
- construir as categorias do conteúdo a ser analisado;
- estabelecer um sistema de quantificação;
- treinar os codificadores e conduzir um estudo piloto;
- codificar o conteúdo de acordo com as definições estabelecidas;
- analisar os dados coletados;
- verificar a validade;
- estabelecer conclusões e pesquisar indicações.

AMOSTRAGEM

A amostragem selecionada tem a intenção de delimitar nosso objeto de investigação e utilizará a estratégia da “semana artificial” na definição de sua amostragem, considerando as edições de O Nacional dos dias 05 (segunda-feira), 06 (terça-feira), 07 (quarta-feira), 08 (quinta-feira), 09 (sexta-feira), 10 (sábado) e 11 (domingo), todos referentes ao mês de junho de 2006; 11 (segunda), 12 (terça-feira), 13 (quarta-feira), 14 (quinta-feira), 15 (sexta), 16 (sábado) e 17 (domingo), referentes ao mês de setembro; e 04 (segunda), 05 (terça), 06 (quarta) 07 (quinta-feira), 08 (sexta-feira), 09 (sábado) e 10 (domingo), datas referentes ao mês de dezembro do corrente ano. Segundo BAUER & AARTS (2003, p.40):

A amostragem garante eficiência na pesquisa ao fornecer uma base lógica para o estudo de apenas partes de uma população sem que se percam as informações – seja esta população uma população de objetos, animais, seres humanos, acontecimentos, ações, situações, grupos ou organizações. Como pode o estudo de uma parte fornecer um referencial seguro do todo? A chave para este enigma é representatividade.

Referências Bibliográficas

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith e GEWANDSZNAJDER, Fernando. O método nas ciências sociais naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 2001.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUER, Martin & GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BELTRÁN, Luis Ramiro. La importancia de la comunicación en la promoción de la salud. In: Mídia e Saúde. Adamantina: UNESCO/UMESP/FAI, 2001.
- _____. Promoción de la salud: una estrategia revolucionaria cifrada em la comunicación. In: Comunicação e Sociedade. São Paulo: Umesp, 2000, 35.
- BUENO, Wilson. A cobertura de saúde na mídia brasileira: os sintomas de uma doença anunciada. In: Mídia e Saúde. São Paulo: UNESCO/UMESP/FAI, 2001.
- _____. Comunicação para a saúde: uma experiência brasileira. Jabaquara, SP: Plêiade, 1996.
- BURKETT, Warren. Jornalismo Científico. SP: Forense Universitária, 1990.
- EPSTEIN, Isaac. Os possíveis efeitos negativos devido à publicação prematura da notícia inesperada ou “novidade” na divulgação científica em medicina. O caso da bactéria Chlamydia. In: Comunicação e Sociedade. São Paulo: Umesp, 1997, 27.
- _____. et al. (org) – Mídia e Saúde - Introdução – São Paulo: UNESCO/UMESP/FAI, 2001.
- _____. Gramática do poder. São Paulo: Ática, 1993.



- _____. Comunicação e saúde. In: Comunicação e Sociedade. São Paulo: Umesp, 2000, 35.
- _____. Divulgação científica: 96 verbetes. Campinas, SP: Pontes, 2002. Jornal Zero Hora. Junho de 2003.
- _____. www.metodista.br/unesco/PCLA/revista6/projetos
- KRIPPENDORFF, K. Metodologia de análisis de contenido. Barcelona: Paidós, 1997.
- MAURENZA DE OLIVEIRA, Elizabeth Castro. Proyecto Comsalud – Cobertura de saúde nos meios de comunicação no Brasil. In: Mídia e Saúde. SP: UNESCO/UMESP/FAI, 2001.
- MELO, José Marques (et al.) (org) – Mídia e Saúde. São Paulo: UNESCO/UMESP/FAI, 2001.
- MOURA, Maria Lucia Seidl, FERREIRA, Maria Cristina e PAINE, Patricia Ann. Manual de elaboração de projetos de pesquisa. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.
- O’SULLIVA, Tim et alii. Conceitos-chave em estudos de comunicação e cultura. Piracicaba: Unimep, 2001.
- PINTOS, Virginia Silva. Comunicación y salud. In: Inmediaciones de la Comunicación. Montevideú: Universidad Ort Uruguay, 2000, 3.
- SANCHES, Conceição. Discursos midiáticos sobre o Viagra. In: Mídia e Saúde. São Paulo: UNESCO/UMESP/FAI, 2001.
- SANTOS, Lana Cristina N. & MENDOZA, Babette A. P. . Saúde, Ciência e Tecnologia no jornal Folha de São Paulo. In: Mídia e Saúde. SP: UNESCO/UMESP/FAI, 2001.
- BERLINGUER, Giovanni. Globalização e saúde global. Estudos Avançados. São Paulo: USP, n. 35, vol 13, jan.-abr. 1999.
- Glanz K, Rimer B, and Lewis F (Eds) – Health behavior and health education: Theory, research and practice. San Francisco/CA: Jossey-Bass Publishers, 2002, 3a. edição.
- Green, L. W. – Health education’s contributions to public health in the twentieth century: a glimpse through health promotion’s rear-view mirror. In: Ann. Rev. Public Health, 1999, 20:67-88.
- Peterson, K. E. et al. – Design of an intervention addressing multiple levels of influence on dietary and activity patterns of low-income, portpartum women. In: Health Education Research. Vol. 17 no. 5, 2002.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith e GEWANDSZNAJDER, Fernando. O método nas ciências sociais naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 2001.
- Basegio, Diógenes Luis. Formas de diagnóstico do câncer de mama na mulher gaúcha. In: Revista Brasileira de Mastologia. Volume 8, número 2: 64-71, junho 1998.
- BAUER, Martin & GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BELTRÁN, Luis Ramiro. La importancia de la comunicación en la promoción de la salud. In: Mídia e Saúde. Adamantina: UNESCO/UMESP/FAI, 2001.
- _____. Promoción de la salud: uma estratégia revolucionaria cifrada em la comunicación. In: Comunicação e Sociedade. São Paulo: Umesp, 2000, 35.
- BUENO, Wilson da Costa. Comunicação para a saúde: uma experiência brasileira. São Paulo: Plêiade; Amparo: Unimed/Amparo, 1996.
- BURKETT, Warren. Jornalismo Científico. SP: Forense Universitária, 1990.
- Carvalho, José R. - Os desafios para a saúde. In: Estudos Avançados, São Paulo: USP, Volume 13, N. 35, Janeiro/Abril 1999.



- Código de Ética Médica -
<http://cremesp.com.br/?siteAcao=PesquisaLegislacao&dif=s&id=2940&tipo...>
03/04/2006
- Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros – <http://www.fenal.org.br/leis.php?ide=21>
03/04/2006
- Epstein, I . Ciência e anticiência (apontamentos para um verbete). In: Comunicação & Sociedade, São Paulo: Umesp,1998, nº 29.
- _____ et al. (org) – Mídia e Saúde - Introdução – São Paulo: UNESCO/UMESP/FAI, 2001.
- _____. Gramática do poder. São Paulo: Ática, 1993.
- _____. Comunicação e saúde. In: Comunicação e Sociedade. São Paulo: Umesp, 2000, 35.
- FADUL, Anamaria, DIAS, Paulo da Rocha & KUHN, Fernando. Contribuições bibliográficas para o campo da comunicação. In: Comunicação e Sociedade. São Paulo: Umesp, 2001, 36.
- HIRANO, Sedi (org.) Pesquisa social. São Paulo: T. A. Queiróz, 1979.
- JENSEN, Klaus Bruhn. Na fronteira: uma meta-análise da situação da pesquisa sobre mídia e comunicação. In: Comunicação e Sociedade. São Paulo: Umesp, 2001, 36.
- LUNA, Sérgio Vasconcelos de. Planejamento de pesquisa. São Paulo: Educ, 1996.
- Meis, Leopoldo, Leta, Jaqueline. O perfil da ciência brasileira. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p. 13-37.
- MELO, José Marques (et al.) (org) – Mídia e Saúde. São Paulo:UNESCO/UMESP/FAI, 2001.
- _____.Conhecer-produzir-transformar: paradigmas da Escola Latino-Americana de Comunicação. In: Comunicação e Sociedade. São Paulo: Umesp, 2001, 36.
- MOURA, Maria Lucia Seidl, FERREIRA, Maria Cristina e PAINE, Patricia Ann. Manual de elaboração de projetos de pesquisa. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.
- NEWCOMB, Horace. À procura de fronteiras no campo dos estudos de mídia. In: Comunicação e Sociedade. São Paulo: Umesp, 2001, 36.
- O’SULLIVA, Tim et alii. Conceitos-chave em estudos de comunicação e cultura. Piracicaba: Unimep, 2001.
- PINTOS, Virginia Silva. Comunicación y salud. In: Inmediaciones de la Comunicación. Montevideú: Universidad Ort Uruguay, 2000, 3.
- PRIEST, Susanna Horning. Doing media research. Thousands Oaks, Ca: Sage, 1996.
- QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van. Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva, 1998.
- SERRA, José. A questão da saúde no Brasil. Estudos Avançados. São Paulo: USP, vol. 13, n. 35, jan.-abr. 1999.

Anexos

Protocolo

1. Identificação: Jornal_____Data__/__/__
Página_____Cm/col_____
2. Ilustrações: ~ Desenho ~ Gráfico ~ Foto ~ Box 3



3. Gênero: ~ Notícia ~ Entrevista ~ Reportagem ~ Editorial ~ Artigo ~ Coluna
4. Argumentos que sugere a mensagem de saúde (máximo três): ~ Prevenção
~ Consulta ~ Incompetência ~ Pobreza ~ Apatia ~ Cura ~ Promoção ~ Mal-estar ~ Riqueza
~ Liberdade ~ Auto-cuidado ~ Competência ~ Bem-estar ~ Participação
5. A mensagem sugere ações ou comportamentos saudáveis? Sim ~ Não ~ Individual
Comunitária ~ Governamental/Pública ~ Institucional/Privada
6. Tipo de apelo predominante: ~ Cognitiva ~ Afetiva ~ Ética (Valores) ~ Positiva
~ Negativa
7. Descritores temáticos: ~ Saúde e Meio-ambiente ~ Saúde e Desenvolvimento ~ Saúde
Reprodutiva e Sexual ~ Saúde Mental ~ Nutrição e Alimentação ~ Alcoolismo
~ Tabagismo ~ Drogas ~ Aids ~ Exercícios/Sedentarismo ~ Promoção e Comportamentos
~ Avanços médicos ~ Epidemias ~ Formação e Capacitação ~ Eventos, Congressos,
Conferências ~ Estética e Beleza ~ Imunização ~ Outros
8. A mensagem se refere explicitamente à fonte: Sim ~ Não ~ Fontes próprias ~ Estado
Setor privado ~ Agências de notícias ~ Universidades ~ Organismos Internacionais
Comunidade organizada ~ Outros meios
9. Linguagem: ~ Acessível ao público em geral ~ Não acessível ao público em geral
Confusa ~ Uso de terminologia especializada
10. Notícia veiculada ~ Jornal =